

A REPRESENTATIVIDADE NEGRA NOS LIVROS INFANTIS PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

Karem Layane da Silva Amaral ¹
Ingridy Pâmela Moraes da Conceição ²
Eula Regina Lima Nascimento ³

RESUMO

A representatividade negra na literatura infantil é essencial para a promoção de uma educação antirracista, contribuindo para a valorização da diversidade e a desconstrução de estereótipos raciais. Este estudo tem como objetivo analisar a importância da presença de personagens negros em livros infantis, ressaltando como essa representatividade impacta a construção identitária e o combate ao racismo estrutural. A abordagem da investigação adotada neste trabalho é de natureza qualitativa, fundamentada em pesquisa bibliográfica, com base em autores como Gomes (2017), Adichie (2009) e Ribeiro (2019), que discutem a relevância da representatividade na formação de subjetividades e na desconstrução de narrativas hegemônicas excludentes. Ademais, considera-se o trabalho de escritores como Kiusam de Oliveira (2010), Otávio Júnior (2022) e Rodrigo França (2020) cujas obras infantis valorizam protagonistas negros e contribuem para uma visão mais plural da sociedade. Os resultados indicam que a ausência de protagonistas negros na literatura infantil reforça a marginalização de sujeitos historicamente invisibilizados, enquanto a presença de personagens negros bem construídos fortalece a autoestima de crianças negras e amplia a percepção de diversidade entre crianças brancas. Além disso, evidencia-se que a literatura infantil é uma forma de ver e pensar o mundo, muito importante para a educação antirracista, pois possibilita a reflexão crítica sobre preconceitos enraizados na sociedade. Dessa forma, conclui-se que a ampliação da representatividade negra na literatura infantil é fundamental para a construção de uma sociedade mais equitativa, na qual as múltiplas identidades sejam reconhecidas e valorizadas.

Palavras-chave: Representatividade negra, Literatura infantil, Educação antirracista, Diversidade.

INTRODUÇÃO

A infância é o primeiro território onde o imaginário se forma. É nela que as crianças aprendem a se reconhecer e a reconhecer o outro, e muitas vezes é por meio das histórias que esse processo acontece. A literatura infantil, mais do que um instrumento de entretenimento, constitui-se como um espaço de formação simbólica, emocional e social. As narrativas que chegam às mãos das crianças carregam representações sobre o mundo, moldando percepções, valores e identidades. Entretanto, durante muito tempo, as páginas dos livros infantis brasileiros

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará - UFPA karem.amaral6@gmail.com

² Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará - UFPA, ingridymoraes88@gmail.com

³ Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Pará- UFPA, eu10eula@gmail.com

foram povoadas por personagens brancos, de cabelos lisos e olhos claros, enquanto as crianças negras permaneciam invisíveis ou retratadas de forma estereotipada.

Essa ausência não é casual. Ela reflete uma estrutura social historicamente marcada pelo racismo, que, como aponta Djamila Ribeiro (2019), se manifesta também nos silêncios, nas vozes que não são ouvidas e nas histórias que não são contadas. Quando crianças negras não se veem representadas positivamente nas narrativas, a mensagem implícita é de que suas existências possuem menor valor. Da mesma forma, quando crianças brancas têm contato apenas com protagonistas que se parecem com elas, reforça-se uma visão limitada e excludente sobre a diversidade humana.

De acordo com Adichie (2009), o perigo de uma história única reside na crença de que há apenas uma forma legítima de viver e de narrar o mundo. A literatura, nesse sentido, tem um papel duplo: pode reforçar desigualdades, mas também pode abrir caminhos para transformações profundas. Quando as histórias refletem a pluralidade da sociedade, tornam-se pontes que conectam experiências, ampliam visões e ajudam a reconstruir imaginários sociais.

A representatividade negra na literatura infantil é, portanto, um passo essencial para a consolidação de uma educação antirracista. Conforme destaca Gomes (2017), reconhecer e valorizar a diversidade é um compromisso ético e pedagógico que deve atravessar todas as práticas educativas. A presença de personagens negros em papéis de protagonismo, como nas obras de Kiusam de Oliveira (2010), Otávio Júnior (2022) e Rodrigo França (2020), oferece às crianças negras a possibilidade de se verem de forma positiva e de construírem uma autoestima fortalecida, ao mesmo tempo em que incentiva crianças brancas a reconhecer e respeitar as diferenças.

Esta pesquisa, busca analisar a importância da presença de personagens negros nos livros infantis e refletir sobre o papel da literatura na construção de identidades e na promoção de uma educação antirracista. Ao reunir diferentes perspectivas teóricas e exemplos literários, pretende-se demonstrar que representar é também educar, e que contar novas histórias é uma forma de reescrever o mundo.

Compreender a representatividade negra na literatura infantil é, portanto, compreender o poder simbólico das narrativas na formação de sujeitos e na transformação social. Toda vez que uma criança negra se reconhece como protagonista de uma história, rompe-se o silêncio, nasce o sentimento de pertencimento e o futuro se colore com novas possibilidades.

METODOLOGIA

A pesquisa desenvolvida é de natureza qualitativa, fundamentada em uma abordagem bibliográfica. Essa escolha metodológica se justifica pela intenção de compreender a representatividade negra na literatura infantil a partir de diferentes perspectivas teóricas e analíticas, sem recorrer à coleta de dados empíricos. Segundo Gil (2019), a pesquisa bibliográfica permite identificar, discutir e relacionar contribuições de diversos autores sobre um mesmo tema, favorecendo a reflexão crítica e o aprofundamento conceitual.

O estudo teve como principal foco a análise de obras literárias infantis que trazem protagonistas negros e abordam questões relacionadas à identidade, diversidade e valorização da cultura afro-brasileira. Para tanto, foram selecionados textos de autoras e autores reconhecidos por suas contribuições à literatura e à educação antirracista, entre eles Kiusam de Oliveira (2010), Otávio Júnior (2022) e Rodrigo França (2020). Essas produções foram examinadas à luz de referenciais teóricos que discutem as relações raciais e a importância da representatividade, como Gomes (2017), Adichie (2009) e Ribeiro (2019).

A metodologia adotada também buscou compreender as implicações pedagógicas da presença de personagens negros nas narrativas infantis. Assim, a análise foi conduzida de modo interpretativo, articulando as reflexões literárias às contribuições teóricas sobre identidade, educação e antirracismo. O processo analítico envolveu a leitura integral das obras selecionadas, a identificação de elementos simbólicos relacionados à representatividade e a interpretação desses aspectos à luz do referencial teórico.

Além disso, o estudo considerou a relevância social do tema, entendendo a literatura como um instrumento de transformação e formação de valores. Ao adotar a pesquisa bibliográfica como principal estratégia metodológica, buscou-se não apenas descrever o fenômeno, mas também refletir criticamente sobre ele, evidenciando o papel da literatura infantil na promoção de práticas educativas mais inclusivas e conscientes.

REFERENCIAL TEÓRICO

A discussão sobre a representatividade negra na literatura infantil está profundamente vinculada à construção de identidades e à luta contra o racismo estrutural. A literatura, enquanto expressão cultural, reflete e, ao mesmo tempo, influencia a sociedade, sendo um espaço de disputa simbólica onde se definem quais vozes são ouvidas e quais permanecem silenciadas. Nesse sentido, compreender como as narrativas literárias representam sujeitos negros é essencial para a formação de uma educação que reconheça e valorize a diversidade.

Chimamanda Adichie (2009), ao alertar para “o perigo de uma história única”, enfatiza que limitar o olhar das crianças a uma única perspectiva de mundo significa negar a pluralidade das experiências humanas. Quando apenas determinados corpos, cores e trajetórias são representados, perpetua-se uma visão restrita e desigual da realidade. Essa ausência de múltiplas vozes nas histórias infantis contribui para o fortalecimento de uma lógica de poder que marginaliza sujeitos historicamente invisibilizados.

Na mesma direção, Nilma Lino Gomes (2017) defende que a escola e os materiais pedagógicos devem promover uma educação que considere a diversidade racial como elemento estruturante do processo de ensino e aprendizagem. Para a autora, reconhecer a identidade negra na sala de aula é um ato político e pedagógico, pois rompe com a tradição eurocêntrica que historicamente definiu os parâmetros de beleza, inteligência e valor social. Dessa forma, a literatura infantil, quando utilizada de maneira crítica e inclusiva, torna-se um importante instrumento de resistência e valorização das diferentes identidades que compõem a sociedade brasileira.

A reflexão proposta por Djamilia Ribeiro (2019) complementa esse entendimento ao destacar a urgência de reconhecer o privilégio branco e de promover práticas conscientes que questionem a naturalização das desigualdades raciais. Segundo a autora, o enfrentamento ao racismo exige uma mudança estrutural nas formas de pensar e representar o mundo, e a literatura pode ser um espaço fecundo para esse processo. Quando crianças negras se veem como protagonistas, heroínas e sujeitos de afeto e coragem, amplia-se o horizonte de possibilidades de quem elas podem ser e do lugar que podem ocupar na sociedade.

Nesse contexto, autores e autoras da literatura infantil contemporânea têm assumido papel fundamental na ampliação das vozes negras. Kiusam de Oliveira (2010), em *Omo-Oba: histórias de princesas*, reconstrói o imaginário tradicional dos contos de fadas ao apresentar princesas negras inspiradas nos orixás da cultura iorubá, resgatando valores de ancestralidade e espiritualidade africana. Otávio Júnior, em *Menino Benjamin* (2022), apresenta a jornada de um garoto negro que descobre o poder de sonhar e de se reconhecer como sujeito de potencial e beleza, mostrando que a infância negra também é lugar de ternura, sensibilidade e futuro. Já Rodrigo França (2020), em *O pequeno príncipe preto*, propõe uma releitura simbólica e poética da clássica narrativa de Saint-Exupéry, reafirmando o direito de crianças negras ocuparem o centro das histórias e dos afetos.

Essas produções literárias dialogam entre si por promoverem o protagonismo negro e questionarem a lógica da exclusão. Ao apresentarem personagens diversos e plurais, contribuem para a desconstrução de estereótipos e para a valorização das identidades afro-

brasileiras. Assim, o referencial teórico deste estudo articula as contribuições de Adichie (2009), Gomes (2017), Ribeiro (2019) e autores da literatura infantil contemporânea para evidenciar como a representatividade negra, quando incorporada às narrativas e às práticas pedagógicas, atua como ferramenta essencial na construção de uma educação antirracista.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise das obras literárias selecionadas revela que a presença de protagonistas negros nas narrativas infantis não apenas amplia o repertório simbólico das crianças, mas também atua como uma ferramenta potente de construção identitária e de valorização da diversidade. Ao trazer personagens negros em posições de centralidade, as histórias rompem com o imaginário historicamente eurocêntrico que domina a literatura infantil e oferecem novos referenciais de beleza, inteligência e heroísmo. Essa mudança no campo simbólico tem impactos significativos no campo educacional, uma vez que contribui para a consolidação de práticas pedagógicas voltadas para a equidade racial e para o enfrentamento ao racismo estrutural.

A obra *Omo-Oba: histórias de princesas*, de Kiusam de Oliveira (2010), é um exemplo emblemático desse processo de ressignificação. A autora reinterpreta o arquétipo das princesas ao apresentar protagonistas negras inspiradas em orixás da tradição iorubá, como Oxum, Iansã e Yemanjá. Cada narrativa valoriza aspectos da ancestralidade africana, da força feminina e da espiritualidade, desconstruindo o modelo de princesa europeu, frágil e dependente. Ao ler histórias em que as heroínas são mulheres negras, poderosas e sábias, as crianças passam a reconhecer a negritude como sinônimo de força e beleza. Essa valorização é fundamental para o fortalecimento da autoestima de meninas negras e para a criação de um imaginário mais plural entre leitores de todas as origens.

Em *Menino Benjamim* (2022), Otávio Júnior reconstrói, com sensibilidade e poesia, a trajetória de Benjamim de Oliveira, o primeiro palhaço negro do Brasil, inserindo-a em uma narrativa que dialoga diretamente com a formação identitária das crianças. A história resgata a memória de um artista negro pioneiro que rompeu barreiras raciais e conquistou espaço no circo, um ambiente marcado historicamente por exclusões. Ao transformar essa trajetória em uma história acessível ao público infantil, o autor cria uma ponte entre o passado e o presente, permitindo que as crianças reconheçam, nas figuras de seus antepassados, exemplos de talento, coragem e criatividade. Essa leitura é especialmente importante no contexto da educação antirracista, pois evidencia que a representatividade também se constrói pela valorização da memória e do legado de pessoas negras que ajudaram a moldar a cultura brasileira. Otávio

Júnior mostra que contar histórias sobre pessoas negras de destaque no Brasil é um ato político e pedagógico, que reafirma a importância da ancestralidade e fortalece o sentimento de pertencimento nas novas gerações.

Já em *O pequeno príncipe preto*, de Rodrigo França (2020), observa-se uma proposta de diálogo simbólico com o clássico de Antoine de Saint-Exupéry, agora reinterpretado sob uma perspectiva afrocentrada. O protagonista percorre o universo refletindo sobre temas como empatia, ancestralidade e amor, enquanto afirma sua identidade e reconhece a importância de suas raízes. Rodrigo França convida o leitor a compreender que o afeto e a sensibilidade também são dimensões fundamentais da experiência negra, desconstruindo o estereótipo de que o corpo negro está sempre associado à força e à resistência. A narrativa, ao mesmo tempo poética e filosófica, reafirma o direito das crianças negras de se verem representadas em histórias que celebram sua humanidade e complexidade.

A leitura crítica dessas obras demonstra que a literatura infantil, quando comprometida com a representatividade, se torna um instrumento pedagógico de extrema relevância para a educação antirracista. De acordo com Gomes (2017), é papel da escola oferecer às crianças oportunidades para refletirem sobre a diversidade e para compreenderem que o respeito às diferenças é um valor social e ético. Ao utilizar textos literários que apresentam protagonistas negros, o educador amplia o horizonte de experiências possíveis, contribuindo para a desconstrução de estereótipos e para a formação de uma consciência crítica desde a infância.

Além disso, a presença de personagens negros nas narrativas provoca um efeito de identificação e reconhecimento que tem repercussões diretas no desenvolvimento emocional e cognitivo. Como destaca Ribeiro (2019), a representatividade não é apenas uma questão estética, mas também política e existencial. Quando uma criança se vê positivamente retratada, ela compreende que sua história e sua identidade têm valor. Essa valorização do “ser” é o primeiro passo para o exercício da cidadania e para o enfrentamento das desigualdades raciais que atravessam o cotidiano escolar e social.

A análise também revela que as obras literárias voltadas à representatividade negra favorecem a ampliação do olhar das crianças brancas. Ao se depararem com histórias diversas, esses leitores são convidados a repensar privilégios, questionar preconceitos e compreender que a sociedade é composta por múltiplas formas de ser e existir. Essa ampliação simbólica do olhar é essencial para a formação de sujeitos empáticos e para a consolidação de uma cultura escolar pautada no respeito e na equidade.

Dessa forma, os resultados da pesquisa evidenciam que a literatura infantil, quando orientada por uma perspectiva antirracista, cumpre um papel formativo fundamental. As

narrativas analisadas não apenas fortalecem a identidade das crianças negras, mas também ensinam todas as crianças a reconhecerem o valor da diversidade e o poder transformador das histórias. Ler sobre personagens negros é, portanto, um ato político e educativo, é afirmar a humanidade de todos e projetar um futuro onde cada criança possa se ver e se sentir protagonista da própria história.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões desenvolvidas ao longo deste estudo reafirmam que a literatura infantil é um dos mais poderosos instrumentos de formação simbólica e cultural da infância. Quando as narrativas valorizam a representatividade negra e ampliam o repertório de experiências possíveis, a leitura deixa de ser apenas um exercício de imaginação e passa a ser também um ato político e educativo. A presença de protagonistas negros nas histórias infantis contribui para romper com séculos de invisibilização, promovendo a reconstrução de identidades e o fortalecimento de uma educação comprometida com a equidade racial.

As obras analisadas, demonstram que é possível construir narrativas que, ao mesmo tempo, encantem e eduquem. Em cada uma delas, a presença de personagens negros em papéis de protagonismo não é apenas uma escolha estética, mas uma ação consciente de resgate e valorização da cultura afro-brasileira.

Essas obras se complementam e convergem para um mesmo propósito: construir um novo imaginário social, onde a negritude não é silenciada, mas celebrada. Elas demonstram que a literatura infantil pode, e deve, ser um instrumento de transformação social, capaz de promover o reconhecimento das diferenças e a valorização da diversidade cultural como princípio educativo. Conforme destaca Gomes (2017), a escola precisa ser um espaço de legitimação das múltiplas identidades, e a literatura, nesse processo, atua como mediadora entre a formação cognitiva e a formação ética das crianças.

Essa constatação aponta para a necessidade de repensar o papel dos educadores, das editoras e das políticas públicas voltadas à produção e à circulação de livros infantis no Brasil. É fundamental que o acesso à literatura diversa seja garantido desde a educação básica, permitindo que todas as crianças, independentemente de cor ou origem, encontrem nos livros um espelho possível de si mesmas e um convite à empatia e ao diálogo. Assim, a representatividade deixa de ser um tema isolado e se torna uma prática pedagógica cotidiana, articulada ao currículo e à formação docente.

Além disso, este estudo reforça que a ampliação da representatividade negra na literatura infantil não é apenas uma questão de reparação histórica, mas de justiça social e de construção de futuros mais inclusivos. Ao oferecer novas referências e novos heróis, essas narrativas ajudam a redefinir o que é ser criança, o que é ser negro e o que é ser protagonista em um país que ainda convive com os reflexos da desigualdade racial. Como lembra Ribeiro (2019), a luta antirracista exige ação constante e consciência coletiva; nesse sentido, a literatura atua como ferramenta pedagógica capaz de educar o olhar e transformar o pensamento.

Portanto, conclui-se que a literatura infantil tem um papel fundamental na consolidação de uma educação antirracista, crítica e emancipadora. Através de narrativas que valorizam a ancestralidade, o afeto e a diversidade, é possível formar leitores sensíveis, cidadãos conscientes e escolas mais comprometidas com a igualdade. A representatividade negra nos livros infantis não é apenas uma questão de inclusão, é um convite à reconstrução simbólica do mundo, onde cada criança, ao se reconhecer nas páginas de um livro, compreenda que também faz parte da história que está sendo escrita.

AGRADECIMENTOS

Chego a este momento com o coração transbordando de gratidão. Finalizo este trabalho em um período delicado da minha vida, e talvez por isso cada palavra aqui escrita carregue ainda mais significado. Dedico estas linhas a todos que estiveram ao meu lado, nos dias de sol e também nas tempestades, compartilhando comigo força, amor e esperança.

Agradeço primeiramente a Deus, meu Pai Celestial, fonte inesgotável de amor, sabedoria e bondade. Foi Ele o farol que iluminou o meu caminho e o abrigo seguro quando as incertezas me cercaram. Em Sua infinita graça encontrei serenidade para enfrentar os obstáculos e coragem para não desistir. Em cada passo, senti Sua presença me sustentando, guiando e ensinando que a fé é o alicerce sobre o qual todos os sonhos podem se erguer.

Aos meus pais, Luiz Lima Amaral e Iranete Franco da Silva, minha eterna gratidão e amor. Vocês são o meu maior exemplo de força, coragem e dignidade. Foram vocês que me ensinaram que o trabalho, a fé e a bondade são caminhos que nos conduzem às maiores conquistas. Cada gesto de apoio, cada palavra de incentivo e cada olhar de orgulho me impulsionaram a seguir, mesmo quando o caminho parecia difícil. Tudo o que sou, devo a vocês.

À minha amiga e coautora Ingridy Pâmela Moraes da Conceição. Compartilhar este trabalho contigo foi mais do que uma simples parceria acadêmica, pois nossa amizade foi desde

sempre um encontro de almas que acreditam no poder da educação e no valor da amizade. Obrigada por cada risada, cada conversa, cada ideia trocada e por tornar essa caminhada mais leve e verdadeira.

À minha orientadora, Eula Regina Lima Nascimento, agradeço por sua paciência, dedicação e olhar generoso. Sua orientação foi fundamental para transformar pensamentos em texto e texto em conhecimento. Com sua sensibilidade e firmeza, me guiou para além da teoria, mostrando que educar é também um ato de amor e compromisso com o outro.

E, por fim, agradeço aos livros, meus companheiros mais antigos e fiéis. Fui uma criança leitora e sou, com orgulho, uma adulta leitora. Foi entre as páginas e as palavras que aprendi a sonhar, a resistir e a me reinventar. A literatura sempre foi o meu refúgio, ela me salvou em silêncio, me ensinou a sentir e a pensar, e me mostrou que as histórias também podem curar. Que este trabalho seja, de algum modo, uma retribuição ao poder transformador da leitura e à beleza de continuar acreditando nas palavras.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

COSTA, Madu; OLIVEIRA, Kiusam de. **Omo-Oba: histórias de princesas**. São Paulo: Mazza Edições, 2010.

FRANÇA, Rodrigo. **O pequeno príncipe preto**. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2020.

GOMES, Nilma Lino. **Educação, identidade negra e formação de professores: um olhar sobre a diversidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

JÚNIOR, Otávio. **Menino Benjamim**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2022.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.